

UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO E ATUAÇÃO DAS MULHERES NO FÓRUM DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA - PR.

Autora 1: Jayne Thalya Souza da Cunha. Graduanda de Serviço Social. UEPG.
jthalyya@gmail.com.

Autora 2: Lorene Camargo. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas. UEPG.
lorene.psicamargo@gmail.com.

Este trabalho tem por objetivo fazer um breve resgate histórico sobre a participação e atuação política das mulheres que compõem a economia solidária no município de Ponta Grossa, no Fórum Municipal de EcoSol, através das experiências vivenciadas pelos empreendimentos incubados pela Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESOL, bem como pelos membros da incubadora, no período que abrange aos anos de 2014 a 2018. Visto que a economia solidária busca através de seus princípios fundamentais atingir a igualdade de gênero, de forma geral, ainda podemos colocar este objetivo como uma possibilidade utópica concreta, mesmo dentro da economia solidária, em que ainda nos deparamos com machismo enraizado em nossa sociedade, processo que estruturalmente é a intersecção entre o modo e produção capitalista e o patriarcado. Propomo-nos aqui a mostrar como pequenas ações têm condições de fomentar a igualdade de gênero no interior da economia solidária na cidade de Ponta Grossa, Paraná, especificamente a atuação feminina em espaços de tensão política como o fórum municipal de ecosol.

O trabalho é de caráter qualitativo, a partir de revisão bibliográfica e documental. Minayo (2011) aborda que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Assim, tanto a pesquisa documental como a bibliográfica têm o documento como objeto de investigação e contribuem para o embasamento teórico da pesquisa. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos.

O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e audiovisual, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias, jornais, atas, etc, bem como todos os documentos que forem disponibilizados pela

Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESOL. Tais recursos, de primeiro ou segundo grau, são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007).

Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008).

Já a pesquisa bibliográfica, para Oliveira (2007) é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Como característica diferenciadora ela pontua que é um tipo de “estudo direto” em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica. Assim, argumenta que a principal finalidade da pesquisa bibliográfica é proporcionar aos pesquisadores e pesquisadoras o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. A pesquisa bibliográfica proporciona a investigação a partir de trabalhos e estudos já realizados por outras pessoas podendo ser entendida como o ato de ler, selecionar, fichar e arquivar conteúdos de interesse para a pesquisa que está sendo elaborada (OLIVEIRA, 2007).

A incubadora de empreendimentos solidários de Ponta Grossa - IESOL teve início em 2005 sob o nome “incubar para incubar”, porque foi iniciada pela incubadora da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR) e era categorizado como um projeto. O projeto cresceu, passou por uma adaptação e tornou-se um programa de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa, vinculada a Pró-reitora de Extensão e Assuntos Culturais – PROEX. A partir de então, a IESOL torna-se uma incubadora e passa a incubar e assessorar empreendimentos que são ou pretendem adotar e trabalhar dentro dos princípios da Economia Solidária, sendo elas associações ou cooperativas. A IESOL trabalha estes princípios com os empreendimentos solidários e adota essas diretrizes para sua própria gestão, sendo alguns princípios: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo consciente e solidário.

Atualmente a IESOL incuba 9 (nove) empreendimentos em diferentes fases de incubação, todos eles com a presença marcante de mulheres, sendo eles:

Associação dos Campos Gerais de Jardinagem (ACGJ): O serviço de jardinagem é feito de forma coletiva, bem como o serviço de fabricação de produtos de higiene/limpeza e comercialização.

Associação de Feirantes da Economia Solidária (AFESOL): Grupo de artesãs que individualmente produzem artesanato e alimentos, e que coletivamente produzem produtos oriundos de doação de malotes inservíveis. O grupo transforma os malotes em novos produtos, como mochilas, bolsas, estojos, pastas, crachás, etc.

Associação de Reciclagem de Porto Amazona (ARPA): Grupo de reciclagem que são responsáveis pela coleta seletiva do município de Porto Amazonas/PR, executando a triagem e separação do material reciclável com o intuito de comercializar tais resíduos, gerando renda para os trabalhadores.

Associação de Recicladores Rei do PET (ARREP): O grupo atua na separação e triagem de materiais recicláveis advindos do “Programa Feira Verde” e “Programa de Entrega Voluntária” (PEV), ambos promovidos pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (PMPG). Atualmente, o grupo conta com cerca de vinte e três integrantes e têm como princípios a igualdade, o trabalho coletivo, a emancipação feminina e a sustentabilidade ambiental.

Comunidade Emiliano Zapata: O Grupo Rede de Mulheres Produtoras em Agroecologia pertence à Comunidade Emiliano Zapata, o empreendimento surgiu em novembro de 2014 no interior do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tem por objetivo principal a geração de renda através do trabalho na horta, pautada nos princípios da economia solidária e organização coletiva para atividades do movimento social. Seus produtos são comercializados através da rede de sacolas orgânicas.

Luau Terra: É um grupo diferenciado por tratar-se de acadêmicos que constituem o empreendimento. O grupo produz alimentos envolvidos na “Inclusão Alimentar”, feito para o público vegano, vegetariano, para aqueles que possuem restrição alimentar (alérgicos, intolerantes) e também para aquelas pessoas que buscam uma alimentação mais saudável.

Acampamento Maria Rosa do Contestado: Grupo situado na área rural de Castro, composto por cerca de 200 famílias integrantes do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O acampamento é uma organização de luta dos trabalhadores rurais fundada a partir da ocupação em agosto de 2015. O acampamento tem como objetivos lutar pela reforma agrária, trabalhar com o manejo sustentável da agricultura e trabalhar coletivamente, respeitando as famílias que o compõem.

Rede de Educação Popular em Irati: A Rede é composta por empreendimentos de economia solidária e por parceiros ligados a Economia Solidária de Irati.

E em uma modalidade diferente de incubação voltado a territorialidade o Centro Social Educacional Marista Santa Mônica: O Centro Educacional compõe a rede Marista Solidariedade (RMS), que atua na promoção e defesa dos direitos de crianças e jovens na educação para a solidariedade, contemplando ensino fundamental e médio.

A população atendida pela incubadora é heterogenia, atendemos grupos rurais e urbanos, grupos formados apenas por mulheres, crianças, famílias e etc.

Desde os primórdios, a divisão sexual do trabalho se fez presente, e as mulheres são rebaixadas a funções mais “apropriadas” à sua natureza e seu caráter reprodutivo. Tal polaridade ainda se expressa na contemporaneidade, porém, com novas roupagens. Podemos dizer que hoje as mulheres avançam no campo do trabalho, ocupando cargos elevados, destacando-se em meios acadêmicos, políticos, culturais e etc. Porém, a desigualdade de gênero se expressa em novas expressões da questão social, como na diferença salarial entre homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo, no não cumprimento das leis voltadas aos direitos reprodutivos das mulheres e inúmeras outras violações existentes dentro do campo formal. Então nos questionamos: como combatermos a diferença de gênero dentro da economia solidária? Será que continuamos reproduzindo (conscientemente ou inconscientemente) a desigualdade de gênero? E através de quais mecanismos lutamos para que esta realidade mude? E qual é nossa concepção de gênero acerca de tais assuntos. Para Gebara (2000) citado por Amorim (2008, p. 4):

[...] A categoria gênero inclui-se especialmente em duas dimensões interligadas. A primeira afirma que a realidade biológica do ser humano não é suficiente para explicar o comportamento diferenciado do masculino e do feminino na sociedade. Por esse motivo, o conceito gênero é introduzido para afirmar algo mais amplo que o sexo, em que o gênero é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido de geração a geração. Num sentido preciso, tornar-se homem ou mulher depende de certas construções culturais e sociais. As diferenças entre homens e mulheres são entendidas como fruto de uma convivência social mediada pela cultura [...] (AMORIM, 2008, p. 4)

O intuito deste trabalho consiste, portanto, em mapearmos (através de atas de reunião, imagens, relatorias das equipes de incubação e outras fontes disponíveis) as inclusão e participação das mulheres da EcoSol no Fórum Municipal de Economia Solidária de Ponta Grossa, a fim de verificarmos o quanto desta participação engendra o enfrentamento ao patriarcado e às formas estruturais do machismo. Importante ressaltar que nosso recorte é sócio-crítico, ou seja, tem fundamentação teórica nos pilares de autoras feministas marxistas, já que compreendemos que é a partir da compreensão do funcionamento do sistema econômico capitalista que as diversas expressões sectárias e misóginas têm terreno fértil. Ou, como conceitua Saffioti (1987), as formas de supremacia masculina neste modo de produção.

Isto não significa inferir que há esta concretização simples no sentido homem – mulher. Mas que, à medida que o capitalismo se desenvolveu, tanto mulheres como homens da classe trabalhadora acabam por reproduzir o padrão patriarcal, crendo ser o melhor formato da expressão de suas vidas no mundo. Porém, há prejuízo das relações neste processo, de maneira imediata e verticalizada: burguesia no processo constante de opressão às classes que compõem a base da pirâmide socioeconômica. E, com isto, o exercício do capital se mantém de mãos dadas com o patriarcado e vice-versa, numa relação de retroalimentação constante e de aplicação opressora à classe trabalhadora (SAFFIOTI, 1987).

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Luciana Martins. Relações de gênero e economia solidária: um estudo na maricultura catarinense. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2008.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2a ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SAFFIOTI, I. B. Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.